

Pânico! uma análise filosófica.

por Paulo Faitanin – UFF



Maddalena piangente -
Cattedrale di San
Pietro, cappella
Garganelli

1. A esperança move a vida: A vida é um dom tão precioso que naturalmente buscamos preservá-la não somente por nossas faculdades superiores, razão, vontade e liberdade, mas inclusive por nossas forças mais instintivas. O instinto de conservação, reprodução, defesa são provas cabais disso. Mesmo em ato extremo de desequilíbrio emocional, que pode causar a morte do outro -homicídio- ou a morte do mesmo -suicídio- vemos nestas *desesperadas* e equivocadas atitudes uma busca, em última instância, de eliminar a dor e o mal que invadem a vida e, por conseguinte, um desejo de preservá-la.

2. O desespero tira o sentido da vida: Embora sejam atitudes equivocadas cometidas sob a máxima do império do desespero, elas nos revelam algo significativo: nestas circunstâncias extremas, o homem prefere perdê-la a ter que conservá-la no desejo de não poder salvá-la da dor e do mal. A marca indelével desta experiência é o desespero enquanto perda do sentido da vida. E isso é tão forte quanto o próprio amor à vida, porque supõe perdê-la. E é por isso mesmo que esta perda é capaz de levar alguém a aniquilar a própria vida, na medida em que pensa e deseja, mediante esta ação, que possa salvá-la da dor que a invade. Com efeito, a esperança é o motor da vida, perdê-la, já é perder a vida, mesmo que não se morra e, neste caso, a morte apenas será consequência do que já se perdeu. Um homem morre em vida se perde a esperança e se tem consciência disso *que valor lhe terá a vida sem esperanças?* A morte lhe parecerá libertação. O contrário também é verdadeiro: um homem é capaz de viver na dor se tiver esperança e consciência dela e viverá a vida na esperança, pouco lhe importando a dor e a morte!

3. A vida com esperança não teme a morte: Há culturas que não temem a morte, enquanto outras a temem e buscam, de algum modo, evitá-la. Mas a morte é inevitável! Os que protagonizam a história de uma cultura que revela não temer a morte contam que fundamentam o amor à vida e o destemor à morte na esperança de vida para além da vida que se vive; enquanto os que a temem perdê-la, enraízam todas as suas esperanças na própria vida em que se vive. Para tais culturas, o medo da morte emerge do inevitável perigo que ela representa para a vida, porque é o seu fim, mas isso não constitui perigo para

aquelas outras culturas que não deitam plenamente as raízes de suas esperanças na vida em que se vive, mas na de uma vida que virá. É impossível imaginar na condição de vida terrena de pecado, sofrimento e dor, uma vida sem morte. Algo que a literatura tem tentado imaginar, como deixa entrever uma recente publicação [José Saramago, *As intermitências da morte*. São Paulo: Cia das Letras, 2005].

4. O medo de perder a vida acaba produzindo a cultura da morte: O medo é o sentimento que alguém padece acerca de algo que considera mau e doloroso, que se faz cada vez mais presente e se torna cada vez mais inevitável. Neste contexto a morte é causa do medo para todos os que, de um modo ou de outro, depositam todas as suas esperanças na vida em que se vive, já que para eles a morte é algo mau e inevitável. *Não será também a morte a causa do medo para os outros que não alicerçam suas esperanças na vida em que se vive?* Não necessariamente, pois nada que possa perder nesta vida incluindo a vida, lhes tiram a esperança da outra. Embora vivam plenamente esta vida, não temem a morte. Ao contrário os que temem perder a vida por depositar nela todas as suas esperanças acabam, por estranho que pareça, cultuando a morte.

5. Mais do que nunca vivenciamos historicamente a cultura da morte: O medo de morrer invade e contagia todas as instâncias de nossas vidas. Tudo que nos rodeia propõe esquecer o inevitável, a morte. O fato é que não encaramos a morte e não a encaramos porque perdemos o sentido da vida e depositamos todas as nossas esperanças nesta vida que sabemos ser importante, mas efêmera se vivida sem alguma esperança que a norteie e fundamente para além dos seus próprios limites. Por isso, não raro o medo vestiu vestes novas e se apresentou em diversos âmbitos da vida humana neste último século. Este século foi promissor em tantas desgraças, mas também em bens de consumo que vendiam o ar de longevidade e bem estar para o homem, fazendo ocultar ainda mais o verdadeiro sentido da vida e manifestar o medo da morte.

6. O medo é, em nossos dias, sinal de um tempo que perdeu o sentido da vida: A esperança e o sentido da vida não se reduzem a nenhum dos bens que possam possuir os homens nesta vida, pois nada do que possam possuir nesta vida poderá fazer perdurar a vida e evitar na própria o sofrimento, a dor e a morte. Como máxima de nossos tempos está o evitar tudo o que constranja a vida ou lembre a morte e as suas filhas inseparáveis: a dor e o sofrimento. Em meio a esta ambiência os homens aprenderam a temer tudo o que se lhes recorde a dor, o sofrimento e a morte e a buscar freneticamente

tudo que lhes dêem 'ares' de promoção da vida [na verdade pseudo-promoção], mesmo quando isso ponha a própria vida em risco, a do próprio ou a de outrem. De fato é natural buscar a conservação da própria vida e não há nada de mal nisso: o equívoco está em crer que se possa fiar as esperanças e o sentido da vida nesta vida e nos prazeres que ela possa proporcionar. A perda do sentido da vida é a causa do desespero e do medo tão presente em nossos dias. A violência e a injustiça é grande promotora da perda do sentido da vida e do medo. O pânico é expressão disso.

7. O pânico é a atual expressão do medo em decorrência da cultura da efemeridade: Como dissemos, o medo é inerente ao homem frente à situação da impotência de evitar o mal inevitável que lhe sobrevém. O medo não é natural no sentido de que por natural entendamos que o homem desde sua origem tinha medo. O medo começou quando se privou ou perdeu a esperança. O medo é por isso o resultado da privação parcial ou total da esperança. Ora, se é a esperança o que move a vida, sua perda significa perda do sentido da vida. Por isso, onde se perde a esperança, se instaura, de algum modo, o medo. Em nossos dias a síndrome do pânico é uma das expressões do medo, pois o medo, como já dissemos tem muitas caras.

8. O que significa pânico? Como já dissemos pânico é uma expressão de medo repentino. A origem deste nome nos remonta à Grécia. O nome *pânico* provém do grego [*panikós*], derivado de Pan [Pã], figura mitológica Grega, Filho do deus Zeus e da ninfa Calisto ou de Hermes e da ninfa Dríope, de acordo com alguns autores. É um ser que habitava os bosques junto às fontes, mas tendo predileção pela Arcádia, local em que nasceu. Era um ser horrendo a ponto de horrorizar a própria mãe sendo da cintura para baixo como um bode peludo e da cintura para cima como homem, porém com chifres. Era uma divindade travessa e galanteadora, mas sempre rejeitado por sua feiúra. Portava sempre uma flauta feita de caniços do brejo. Infundia terror entre os camponeses e pastores com a sua aparição repentina, de onde surgiu a denominação Pânico, o terror repentino.

9. Pânico é patologia psíquica: Pânico é algo que a alma padece [pathos] daí patologia, na forma de síndrome, ou seja, manifesto por um conjunto de sinais e sintomas psicossomáticos: padece a alma e resente o organismo, o corpo. Por isso o pânico se traduz também num sofrimento de ordem biológica, no corpo com diversas reações, nem sempre idênticas entre as pessoas que o padecem. Atualmente é conhecido como Transtorno do Pânico (TP), como entidade clínica, mas antigamente era chamada de *neurastenia cardiocirculatória* ou

doença do coração do soldado (*coração irritável*, denominação dada por Da Costa, em 1860 durante a guerra civil americana). Mas foi Freud quem ofereceu uma primeira descrição sintomatológica e a classificou como *neurose ansiosa*. Até 1980, o quadro foi agrupado sob o título de *neurose de ansiedade* e na atualidade esta neurose se subdivide em *Doença do Pânico* e *Transtorno de Ansiedade Aguda ou Generalizada*.

10. Pânico é paixão da alma: O medo é para os filósofos uma das 11 paixões da alma. *O que é paixão da alma?* É o que a alma padece pelo que os sentidos sentem. Ora, as paixões em si mesmas não são nem boas, nem más. O que as tornam boas ou más é a *intenção* que move o sujeito a buscar pela ação alguma sensação. Ora, sendo boa a intenção que move o sujeito, bom será o sentimento ou paixão da alma. Má a intenção, mal o sentimento gerado na alma. O hábito de intenção move o sujeito a agir e gerar paixões. Ora, o hábito da boa intenção move o sujeito a gerar boas paixões para a alma e o hábito da má intenção, a de agir e gerar más paixões para a alma. Denomina-se vício [fraqueza] o hábito da má intenção e virtude [força] o da boa intenção. Neste sentido, se o pânico é expressão do medo repentino, é paixão da alma.

11. Pânico é privação repentina da virtude da esperança: O pânico é a privação de algum bem da alma. O medo é privação paulatina ou repentina da esperança. O pânico é medo e é medo enquanto perda repentina da esperança. Mas o que é a esperança? A esperança é uma virtude ou força para a natureza humana, enquanto o medo é sinal de sua privação, pois o medo é a marca do desespero e fraqueza do espírito ante uma dificuldade. A privação da virtude da esperança pode dar-se destes modos: *repentinamente*, quando não se perde totalmente a esperança nem o sentido da vida, mas algo do sentido objetivo da vida: a violência tolhe este sentido, o desemprego, a perda de um ente querido, a desordem moral social etc. e isso pode dar-se no sujeito independente de sua intenção boa ou má; *a longo prazo*, quando o sujeito vai paulatinamente perdendo o sentido e a esperança da vida; esta em geral se dá pela minação do hábito de uma má intenção. Este é mais perigoso que o repentino, pois mina todas as possibilidades de recobrar o sentido e a esperança e pode culminar num ato extremo. O Pânico é repentino, mas pode tornar-se contínuo, se não tratado. Aliado às substâncias químicas a psicoterapia bem ordenada favorece a sua superação. Mas também o cultivo da esperança, enquanto virtude que se opõe e cura o vício, como a ética nos ensina, é muito oportuno.

12. Do cultivo da esperança: Não se vende e nem se compra esperança: *a esperança é resultado de conquista, como virtude que é*. Contudo, ninguém conquista o



que não existe. A esperança existe na alma, mas não é a alma que a inventa ou produz, senão que é algo real e objetivo que a alma sente e deseja; portanto, a esperança é o resultado de uma profunda consciência da vida que se tem e do que se pode esperar dela, fazendo o necessário para superar as dificuldades inerentes a ela e procurar ir mais além do que se pode esperar dela, pois a vida que se vive nunca poderá responder a tudo que a esperança nos propõe aguardar. A humildade de reconhecer isso capacita o homem de colocar as raízes de sua esperança fora do próprio homem e da própria vida, extra-muros dos seus limites. Historicamente, a religião e a fé constituíram verdadeiras ferramentas de esperança para o homem. Portanto, o recobro da esperança no homem supõe a consciência de que não se pode depositar a raiz do sentido e da esperança da vida em tudo o que esta vida pode oferecer; e também supõe a fé na existência de algum princípio que a fomenta em nós. A virtude moral e a fé são, pois, caminhos práticos para a via de superação do medo e do pânico. Só o medicamento e a psicoterapia não bastam se não forem aliadas à virtude e à fé. E é por isso mesmo que se denomina esperança, uma das virtudes teologais que inspira e fomenta no homem o desejo de sempre buscar e esperar o verdadeiro sentido da vida.